



Radiojornal Laboratório como Ferramenta de Valorização da Cultura por meio da Memória Oral: a Experiência do Programa Vozes do Recôncavo na Formação Cidadã de Estudantes de Jornalismo¹

Rachel Severo Alves Neuberger²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia³, Cachoeira, BA

RESUMO

O ensino do Radiojornalismo perpassa conhecimentos teórico-práticos e evidencia aspectos de relevância social que não são, necessariamente, fim das atividades acadêmicas, mas que complementam a formação cidadã de estudantes universitários. Ao produzir programas radiofônicos laboratoriais com fontes de informações do entorno das instituições, revelam-se dados que vão além da notícia pura, pois trazem elementos da cultura da população e memórias orais que devem ser preservadas. A divulgação dos radiojornais por meio de rádios locais e regionais também ajuda a ampliar as vozes para além dos horizontes dessas localidades e garante a valorização de histórias de vida. A experiência do programa “Vozes do Recôncavo” na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) demonstra o valor do aprendizado em sua complexidade.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; cultura; memória; radiojornal laboratório.

Introdução

O rádio é um dos veículos de comunicação mais presentes na vida das pessoas na atualidade, apesar das inúmeras dificuldades pelas quais passou ao longo dos seus quase 90 anos de existência, a ser completados em 7 de setembro de 2012. Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁴ relevam que 98% das residências contam com pelo menos um aparelho de rádio. Mas, é bem verdade, que muitos desses aparelhos já se tornaram obsoletos, pois o rádio já não necessita do aparelho tradicional, tendo migrado, principalmente, para a Internet e para celulares⁵, MP3, MP4, *smartphones* e até *tablets*. Sem esquecer, é claro, dos aparelhos em automóveis, que, assim como as modalidades móveis citadas, não entram nas estatísticas relativas à recepção das mídias. Assim, somente aparelhos específicos de rádio são contabilizados,

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: rachel@ufrb.edu.br

³ UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – www.ufrb.edu.br

⁴ IBGE - www.ibge.gov.br/

⁵ Em 2009, 36% dos aparelhos celulares já tinham o recurso de rádio. Hoje, o número deve ser ainda mais expressivo.



o que não representa, portanto, no número real de ouvintes e, pior, reflete negativamente em termos de investimentos publicitários.

Segundo o Grupo de Mídia de São Paulo⁶, que publica anualmente uma pesquisa sobre o faturamento dos diversos meios, com base nas empresas participantes do chamado Projeto Inter-Meios⁷, somente no primeiro trimestre de 2010, a publicidade em todos os meios cresceu 25% em relação ao mesmo período de 2009, atingindo R\$ 5,4 bilhões. No entanto, a fatia do “bolo publicitário” no rádio foi de apenas 4,4%. Só para se ter uma ideia da disparidade, a televisão recebeu um investimento da ordem de 60,9%⁸ em relação aos demais veículos. Se houvesse um meio mais próximo da realidade de se avaliar a penetração do rádio na vida das pessoas, certamente essa lógica mudaria e favoreceria muito mais este que é um dos veículos mais vibrantes, ágeis e próximos de seus interlocutores.

No estudo do Radiojornalismo, faz-se necessário mostrar a verdadeira situação do rádio no país e como a desvalorização do veículo está relacionada à lógica do mercado que, na verdade, não leva em consideração a real potencialidade do veículo, que é considerado pela população, o de maior credibilidade, conforme revela um estudo realizado pelo Instituto Vox Populi⁹, em 2009. Pela pesquisa¹⁰, em uma escala de 1 a 10, o rádio conquistou a maior nota (8,21), seguido da Internet (8,20), televisão (8,12), jornal (7,99), revista (7,79) e redes sociais (7,74). A televisão é a mais vista (99,3%), seguida do rádio (83,5%), o que mostra a sua força frente à população.

Com instantaneidade, simplicidade, abrangência, regionalismo, intimidade, mobilidade, baixo custo e um compromisso social norteador de suas atividades, o rádio segue sua trajetória de conquistas em uma era hipermidiática que, ao invés de fadá-lo ao fim, lhe oferece oportunidades de adequações e até crescimento. O rádio digital e, principalmente, o rádio pela Internet dão vislumbres das possibilidades de convergência midiática que está tomando forma atualmente e que irá, certamente, gerar muitas mudanças nos meios de comunicação tal como os conhecemos hoje.

Neste cenário de pouca valorização publicitária, mas de forte apelo popular, desenvolve-se o Radiojornalismo, que tem, única e exclusivamente, o compromisso

⁶ Grupo de Mídia - <http://www.gm.org.br/>

⁷ Projeto Inter-Meios - <http://www.projetointermeios.com.br/>

⁸ MÍDIA DADOS BRASIL 2010. Disponível em: <http://midiadados.digitalpages.com.br/home.aspx> Acesso em: jan 2011.

⁹ Instituto Vox Populi - <http://www.voxpopuli.com.br/>

¹⁰ COMUNIQUE-SE. **Rádio e internet são as mídias de maior credibilidade, revela pesquisa.** Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsshow.asp?editoria=8&idnot=54144> Acesso em: nov 2010.



social de informar com veracidade a população sobre os principais acontecimentos locais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais, conforme a relevância dos assuntos para o público-alvo das emissoras.

O jornalismo de rádio, de uma forma geral, tendo-se em vista a precarização das pequenas emissoras, tem sofrido uma crise de identidade, já que não leva em consideração as necessidades da população de seu entorno. O custo com produções jornalísticas acaba, muitas vezes, inviabilizando a contratação de profissionais formados e a antiga prática de uso de informações de outros meios continua; prática, hoje, acentuada pela Internet que oferece informações em tempo real. No entanto, é muito comum que as emissoras do interior noticiem com destaque acontecimentos como o tsunami no Japão e deixem de atentar para os problemas que afetam diretamente a comunidade.

O rádio não pode deixar de interagir com seus ouvintes e de prestar serviços à população, sob o risco de perder a credibilidade conquistada em um longo percurso cheio de obstáculos e riscos reais de desaparecimento. Para isso, precisa garantir participação da comunidade nas emissoras, o que permite o estabelecimento de um compromisso fortalecedor entre as partes envolvidas.

Nos boletins e radiojornais, é preciso que haja a divulgação de fatos de interesse geral, como notícias internacionais e nacionais, mas principalmente com destaque para as notícias que afetem diretamente a população que ouve a rádio em questão para que a proximidade garanta o interesse dos ouvintes e a real aplicabilidade das informações em suas vidas. Nas comunidades pequenas, muitas vezes o rádio é a única fonte de informação local.

Este compromisso com a população, que vai muito além das condições de trabalho nas emissoras, geralmente é apresentado pelos professores das disciplinas de rádio aos estudantes. Porém, nada melhor do que a prática para colocá-los frente às suas obrigações enquanto futuros profissionais da área de comunicação. As experiências laboratoriais em universidades de todo o país garantem não somente a realização empírica dos conhecimentos, mas também uma aproximação imprescindível da população e de suas reivindicações, reclamações e até relatos de histórias de vida, que ajudam a complementar a formação integral e cidadã dos alunos de jornalismo.



O poder da oralidade para a constituição da realidade

Antes do advento da imprensa, no século XV, a oralidade predominava na sociedade, o que exigia um poder de memorizar informações e transmiti-las através da expressão oral. O impresso gerou uma mudança significativa na comunicação humana, mas a invenção do rádio também causou uma revolução, pois permitiu que a oralidade ganhasse dimensões que vão além do universo de permanência dos seres humanos em suas comunidades. Outro momento importante para a oralidade deu-se na década de 1950 quando se tornou possível gravar os áudios em suportes de acetato, discos de vinil e fitas magnéticas analógicas, o que Meditsch¹¹ chama de o início da "memória eletrônica".

Atualmente, vivemos a sociedade da cultura midiática ou cibercultura na qual os componentes digitais - como recursos avançados da tecnologia - vão imprimir outros procedimentos de conduta ao ser humano. (...) Gravar discursos, registrar imagens em dimensões diferentes, editar, armazenar e recuperar falas em recursos técnicos sofisticados são características dessa nova era. (GOMES, 2011, p.3).

Esses aspectos são interessantes, pois a busca do ser humano pela sua própria identidade perpassa o seu conhecimento de mundo e a memória é uma faculdade primordial nesse processo, já que amplia os referenciais históricos, sociais e culturais das pessoas. E, é claro, a tecnologia modifica esse processo referencial. Gomes (2011) aponta que a memória e a história andam lado a lado, pois o meio social propicia a construção da memória individual e essa memória de cada um, quando encontra pontos comuns, forma a memória coletiva, que ajuda a constituir a realidade que, por sua vez, passa a ser parte da história de um povo. Para ele, o ator social na condição de sujeito portador da tradição oral é um documento vivo, "não obstante reconhecermos a divergência e opiniões centradas sobre a força da oralidade como algo que sustenta a história".¹²

Assim, por meio das histórias orais, pode-se dizer que a cultura dos povos é revelada e fortalecida pela prática compartilhada do contar que, pelo rádio, ganha dimensões que vão além do grupo familiar e de amigos próximos. Peculiaridades e aspectos convergentes se destacam nas pequenas biografias que são transmitidas e assimiladas pelas comunidades. Mesmo que não seja o principal objetivo do jornalismo,

¹¹ MEDITSCH, E. In GOMES, A. L. *As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica*: um estudo de caso. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0489-1.pdf> Acesso em: jan 2011.

¹² GOMES, A. L. *As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica*: um estudo de caso. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0489-1.pdf> Acesso em: jan 2011.



uma vez que seu compromisso é informar sobre fatos de destaque e que tenham relevância social, a cultura norteadora não deixa de estar presente e, muitas vezes, ajuda a fortalecer o vínculo entre jornalistas, futuros profissionais e a comunidade.

Para alguns historiadores, a história oral pode ser desclassificada enquanto método científico mas, desde a década de 1980, ganha destaque entre profissionais da área que buscam o discurso alternativo à história constituída por parte de grupos de poder. Assim, segundo Ferreira (2010)¹³,

Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorreu um renascimento do estudo do político e incorporou-se à história o estudo do contemporâneo. (FERREIRA, 2010, p. 319)

Para Ferreira (2010), a história busca produzir um conhecimento de mundo racional, enquanto a memória é uma construção do passado pautada em emoções vividas, portanto subjetiva e flexível, mas isso em nada diminuiria o valor de relatos baseados na experiência de vida. Vale lembrar que o movimento de valorização da história oral, que começou na década de 1960 e ganhou força nos anos 1980, surgiu da luta por direitos civis, travada pelas minorias de negros, mulheres, imigrantes etc., que busca recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirando do esquecimento o que a história oficial geralmente suprime.

Existem duas linhas para a história oral: a primeira considera os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, enquanto a outra linha privilegia o estudo das representações, atribuindo um papel central às relações entre memória e história. Apesar de não ser assunto resolvido o uso da memória para a história oficial, em termos jornalísticos, a experiência individual e coletiva tem significados de relevância equivalente.

Dar espaço à opinião das pessoas e oportunizar o resgate de suas memórias é um compromisso social tão significativo quanto as notícias em si. Mesmo quando não ganham destaque na narrativa, servindo apenas para ilustrar situações da coletividade, as histórias pessoais garantem a valorização da cultura de um povo e favorecem o entrosamento da comunidade com veículo de comunicação; que no caso é o rádio. Essa

¹³ FERREIRA, M. **História, tempo presente e história oral**. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf Acesso em: nov 2010.



participação direta ou indireta dá alma a um fato, pois humaniza as informações, facilitando, inclusive, sua compreensão.

A experiência do programa Vozes do Recôncavo

A disciplina de Radiojornalismo do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia constitui-se de aulas teóricas, com ênfase em temas como radiodifusão, ética, história, tipologia radiofônica, rádio digital, além de características do rádio, gêneros e formatos, linguagem, redação, *scripts*, locução, etc. e práticas, com a utilização de laboratório de áudio para a realização de boletins, radiojornais e até documentários sonoros.

No que diz respeito à prática, vale dizer que é do interesse próprio da atividade jornalística e da comunidade acadêmica desenvolver o compromisso social, portanto, é imprescindível atender a comunidade na qual a universidade está inserida; no caso o Recôncavo da Bahia¹⁴, principalmente a cidade de Cachoeira, onde o CAHL - Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB está instalado.

Cachoeira, que dista 120 km de Salvador e está situada às margens do Rio Paraguaçu, é patrimônio histórico do país há 40 anos, tanto pela imponência de seu casario barroco, das suas igrejas e museus quanto pela participação decisiva nas lutas pela independência do Brasil. Marcada pela cultura de origem africana, a cidade é rica em manifestações culturais e religiosas de origem afro-brasileira e também católica, reforçando o sincretismo que dá destaque à região e atrai milhares de turistas brasileiros e, principalmente, estrangeiros durante todo o ano, com destaque para as festividades da Irmandade da Boa Morte¹⁵ e Festa D’Ajuda¹⁶, além de manifestações como sambas de roda, camdomblés e festas de São João.

Em uma pequena mostra da riqueza cultural de Cachoeira já é possível verificar que a “Cidade Heróica e Monumento Nacional” tem muito a transmitir por meio dos relatos de sua brava gente que, pela oralidade, tem a possibilidade de dar vazão às suas

¹⁴ De acordo com o reitor da UFRB, Paulo Gabriel Soledade Nacif, no texto “Esta terra chamada Recôncavo Baiano”, publicado no jornal A Tarde, de 18 de agosto de 2010, “o termo recôncavo, originalmente usado para designar o conjunto de terras em torno de qualquer baía, se associou, no Brasil, desde os primórdios da colonização, à região que forma um arco em torno da Baía de Todos-os-Santos.”

¹⁵ Formada apenas de mulheres descendentes de escravos e que realiza suas festividades na primeira quinzena de agosto.

¹⁶ Patrimônio imaterial da cidade e que acontece sempre na primeira quinzena de novembro. É considerada uma das festas católicas mais importantes de Cachoeira, já que está ligada a um dos primeiros templos religiosos da cidade, a Capela de Nossa Senhora D’Ajuda, que tem mais de 400 anos.



visões de mundo e garantir a permanência de suas tradições mestiças e de indiscutível valor histórico-cultural para o Brasil.

O programa Vozes do Recôncavo foi idealizado com o compromisso de oportunizar o aprendizado dos estudantes de radiojornalismo com relação às suas competências profissionais e também garantir informação de qualidade às pessoas do Recôncavo, carentes de dados locais e regionais, devido à falta de veículos de comunicação em várias cidades.

Para garantir sua realização, foi assinado, em 2009, um contrato com a Rádio Paraguassu FM¹⁷ para a utilização dos estúdios de gravação, já que naquela data a universidade ainda não contava com laboratório de áudio próprio para a produção dos programas de 30 minutos, uma vez por semana. A experiência deu certo e passou a ser um referencial na cidade em termos de informação de qualidade e que garante a transmissão de informações pertinentes à região. Mas a importância não se dá somente em termos de jornalismo, mas verdadeiramente social pois, ao dar voz às comunidades que antes eram excluídas dos meios de comunicação, promoveu-se um impacto bastante positivo e de proporções humanitárias, o que é valioso não só para a comunidade em si, mas também para a própria formação cidadã dos estudantes.

O programa, geralmente, enfoca os principais fatos da região, através de editoriais flexíveis e adequadas às necessidades de cada edição, dá espaço para a população participar do programa através de acontecimentos que não obtêm notoriedade e repercussão midiática, permite a narração de fatos ou particularidades notáveis e/ou irreverentes ocorridas na vida de pessoas da região, por meio de um “álbum de histórias” e ainda oferece lugar para a comunidade obter esclarecimentos a respeito do universo acadêmico da UFRB.

A produção dos radiojornais dá-se com uma reunião de pauta semanal em que se discutem os assuntos a serem tratados na próxima edição. Após essa etapa, dá-se início à produção propriamente dita, quando os estudantes saem às ruas para coletar dados e gravar entrevistas. Antes de editar o áudio final, a professora da disciplina avalia o conteúdo do material e a redação das notícias, a fim de que os estudantes possam gravar o áudio para edição final, que é realizada pelo aluno ou por um técnico da área, em programas como Audacity¹⁸, Sound Forge ou mesmo Logic.

¹⁷ Rádio Paraguassu FM - 102,7 - <http://www.paraguassufm.com.br/>

¹⁸ O Audacity® é um programa livre e gratuito, de código fonte aberto, para edição de áudio digital e está disponível para Mac OS X, Microsoft Windows, GNU/Linux e outros sistemas operacionais.



A etapa final sempre é a realização de uma avaliação conjunta do programa produzido, a fim de se verificar a qualidade técnica e jornalística do material transmitido pela emissora. Observou-se o engajamento dos estudantes na melhoria contínua do processo, no sentido de não só aprender a “fazer rádio”, mas de prestar um serviço de qualidade à comunidade na qual estão inseridos.

A partir de 2011, o programa passará a ser chamado Reverso em função de uma decisão de colegiado no sentido de padronizar os produtos do curso. Por um lado, a decisão será benéfica, pois ajudará no reconhecimento da população em relação aos materiais jornalísticos dos estudantes, mas também cria a necessidade de se trabalhar uma nova identidade.

Participação da comunidade no programa Vozes do Recôncavo

A contribuição das pessoas no programa dá-se por entrevistas a respeito de assuntos ligados diretamente às suas vidas ou sobre temas em que estejam ligadas a contextos sócio-profissionais. Um exemplo de participação indireta, mas que tem relevância em função de cargo ocupado é a entrevista com a diretora de cultura de São Félix, Beatriz da Conceição, cidade situada na outra margem do Rio Paraguaçu, ligada a Cachoeira pela ponte Imperial Dom Pedro II, inaugurada em 1885. Na entrevista, ela conta as lendas que deram início ao culto a Santa Bárbara na cidade, considerada Iansã pelo candomblé – orixá dos ventos e tempestades. É indireto, pois a crença não é dela, mas da população.

Outro tipo de matéria produzida pelos estudantes para o programa radiofônico traz dados internacionais e nacionais para o contexto local e regional. É o caso de uma matéria sobre o dia 1º de dezembro, considerado o Dia Internacional do Combate à AIDS. Nesse tipo de participação, responsáveis pela saúde nos municípios não gravaram as entrevistas, mas informaram em *off* como agem para conscientizar a população a respeito dos perigos da doença e as formas de combate, como distribuição de preservativos.

Outra contribuição é referente a vozes da sociedade local. Um exemplo é a entrevista com representantes de associações de bairro, que expõem a quantidade de instituições desse tipo que existem nas cidades do Recôncavo e o motivo de suas existências. Em um dos trechos, Gugu, presidente de uma associação de bairro cachoeirana informa: “Esse tipo de associação não era nem para existir. Isso é atribuição



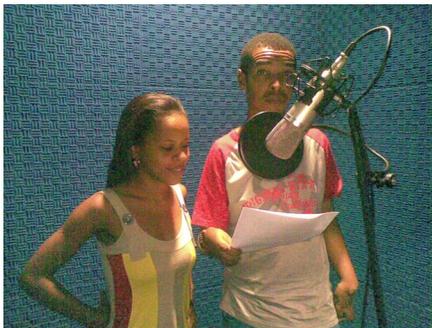
do governo, mas como não fazem nada, temos que agir. (...) A associação ajuda a unir, organizar e orientar a população para reivindicar seus direitos.”

Especialistas também contribuem com o programa, como é o caso de historiadores, jornalistas, cientistas, sociólogos, etc., que são geralmente profissionais ligados à UFRB, mas não exclusivamente. Eles divulgam eventos, chamam a atenção para aspectos de interesse público e ainda realizam uma avaliação crítica sobre aspectos diversos da região.

Por fim, a modalidade mais interessante de participação da comunidade no programa acontece no quadro “Álbum de histórias”, que proporciona de forma mais criativa a memória oral das pessoas das localidades em questão. Alguns estudantes propuseram uma linha de condução para as lembranças, enquanto outros permitiram que os entrevistados divagassem sobre suas vidas, mostrando, de ambas as formas, a riqueza das histórias das pessoas da região. Artistas do Recôncavo tiveram a chance de mostrar seus trabalhos, trabalhadores inválidos pelas péssimas condições de trabalho expuseram suas dores, charuteiras contaram orgulhosas sobre seus trabalhos, cidadãos conscientes de seus direitos que vivem escrevendo cartas a governantes defenderam os interesses da comunidade; os exemplos são muitos, assim como os formatos escolhidos pelos alunos que, em alguns casos, ajudaram a compor um quadro sentimental com o uso de música de fundo (BG).

Todas as histórias se mostram muito valiosas para os estudantes de jornalismo, não somente no sentido de aprender a pensar a pauta, fazer entrevistas, gravar, editar, mas se habilitar a lidar com a comunidade de forma direta e respeitosa. Essa formação cidadã é, necessariamente, o maior trunfo de qualquer programa radiofônico laboratorial.

Álbum de fotos da produção radiofônica laboratorial da UFRB



Estudantes gravam a edição do radiojornal no estúdio da Rádio Paraguassu FM

Créditos: Rachel Severo Alves Neuberger



Aluna de jornalismo edita o programa recém-gravado



**Técnico de áudio dá apoio a estudantes
no momento da gravação**



**Entrevistado aguarda o momento de
entrar no ar**

REFERÊNCIAS

COMUNIQUE-SE. **Rádio e internet são as mídias de maior credibilidade, revela pesquisa.** Disponível em: <http://www.comuniquese.com.br/conteudo/newsshow.asp?editoria=8&idnot=54144> Acesso em: nov 2010.

FERREIRA, M. **História, tempo presente e história oral.** Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf Acesso em: nov 2010.

GOMES, A. L. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0489-1.pdf> Acesso em: jan 2011.

MEDITSCH, E. In GOMES, A. L. **As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0489-1.pdf> Acesso em: jan 2011.

MÍDIA DADOS BRASIL 2010. Disponível em: <http://midiadados.digitalpages.com.br/home.aspx> Acesso em: jan 2011.

PROGRAMA VOZES DO RECÔNCAVO - CD 1 e 2. Disponível na Biblioteca do CAHL – Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira-BA, 2009 e 2010.